

VALORIZAÇÃO DO ENSINO DE ARTE: REFLEXÕES DA PRÁTICA DOCENTE

Autora: Amanda Nunes Gomes Meira (1); Orientadora: Girlene Marques Formiga (2)

(1) *Instituto Federal da Paraíba, amandanunes@gmail.com*

(2) *Instituto Federal da Paraíba, gformiga@uol.com.br*

Resumo: Além de ser uma forma de expressão, comunicação e produção, arte é uma área de conhecimento muito importante para o desenvolvimento humano. O ensino de arte contribui para o desenvolvimento de habilidades criativas e formação do cidadão crítico, razão pela qual compõe o currículo escolar. Para o senso comum, a construção de valores do em torno da importância hierárquica da disciplina Artes proporciona um entendimento bastante simplista, fato que interfere na prática do ensino de arte nas instituições. Partindo dessa questão que permeia a vivência da arte-educadores, o presente artigo é uma revisão bibliográfica que parte da compreensão de arte como área do conhecimento até sua prática na educação. Nessa perspectiva, tem-se o propósito de apresentar algumas reflexões e questionamentos sobre a valorização do ensino de artes na escola, pontuados a partir da prática docente, fundamentados em percepções de especialistas na área. Como resultados, são apresentadas reflexões e construção de valores relacionados às artes e sua prática de ensino no cotidiano escolar, de modo a proporcionar melhorias ao processo educacional.

Palavras-chave: Ensino de Artes, Educação, Trabalho, Reflexões, Vivências.

Introdução

Em que escala de importância é considerada Artes comparada a outras áreas do conhecimento? Entre as matérias escolares, como Artes se situaria com relação à importância de ser estudada? Por que para o senso comum as artes são consideradas sem importância enquanto área do conhecimento?

Desde os primórdios da humanidade, a arte surgiu marcando a história do homem como forma de expressão e construção cultural, contribuindo para desenvolvimento da sociedade. A arte não é supérflua, ao contrário disso “a arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo”, conforme defende Fischer (1983, p. 20).

Some-se a esse aspecto, o fato de a arte ser fonte de transformação da natureza e do mundo, haja vista a sua integração ao trabalho. Nesse sentido, seria contraditório desconsiderar ou minimizar a sua importância enquanto área do conhecimento.

Como parte da essência ontológica e histórica do homem, a arte expressa o subjetivo e acontece de forma prática através das criações humanas, perpassando, ao longo dos tempos, pela história do homem por meio da transmissão de informações do cotidiano e valores.

Devido à subjetividade da compreensão da arte pelo senso comum e à falta de vivência ou experiência artística das pessoas, surgem interpretações que desconsideram o

valor da arte enquanto área do conhecimento resultando em visões simplistas que interferem na prática escolar. Sobre esta questão, Nascimento (2012, p.01) afirma que “a Arte vem sendo tratada, na maioria das escolas brasileiras, como suporte para as demais disciplinas que compõem o quadro curricular, fato que acaba negando o seu caráter específico enquanto área do conhecimento humano. Citando (FUSARI 1992, p. 16), Nascimento traz o seguinte questionamento: “que importância é esta que se está dando à Arte e faz com que ela tenha um espaço também na Educação em geral e escolar?” e ao mesmo tempo propõe que “o fundamental é entender que a arte se constitui de modos específicos da atividade criativa dos seres humanos”.

Depreende-se que a capacidade de criar é intrínseca ao homem, porém, ao longo da história da educação, esta área do conhecimento humano não vem sendo reconhecida como tal. Assim, faz-se necessário que o Ensino de Arte seja discutido dentro das especificidades inerentes à sua área (Nascimento 2012, p.01).

Infelizmente, observa-se ainda no cotidiano escolar que a disciplina muitas vezes é classificada como atividade supérflua, uma espécie de passatempo, de lazer, de atividade para relaxamento ou, ainda, uma possibilidade de interdisciplinaridade, entre outros, que não levam em consideração a construção histórica e o conteúdo que a arte possui.

Tomando a arte como uma construção histórica, Barbosa (1989) considera que, mesmo sendo um produto da fantasia e da imaginação, não está dissociada da economia, da política e dos padrões sociais que operam na sociedade. Corroborando esse posicionamento, Nascimento (2012) considera que pensar numa educação com Arte é dar ao aluno a chance de poder desenvolver seu potencial de criação, de produção e de execução de suas atividades.

Tendo em vista as questões definidas neste trabalho, pretende-se apresentar discussão relacionada à valorização do ensino de artes, a partir de experiências práticas vivenciadas em nossa experiência enquanto docente, bem como através de dados descritos em outras pesquisas, cujas discussões abordam perspectivas de valorização para a melhoria da arte-educação de acordo com a visão docente.

Nesse sentido, visando refletir sobre a construção de valores relacionados às artes e sua prática de ensino no cotidiano escolar, de que forma a construção de valores da disciplina arte para o senso comum é vivenciada por professores na prática do ensino de arte? O pressuposto parte da concepção de valores pelo senso comum que considera o conhecimento artístico em escala hierárquica abaixo de outras áreas do conhecimento, ideia que não raro se reproduz nos ambientes educacionais, dificultando a atuação dos professores de arte.

Metodologia

Muitas são as questões que permeiam a prática do ensino de artes nas escolas, dentre as quais o questionamento sobre a forma como a construção de valores da disciplina arte para o senso comum é vivenciada por professores no ensino de arte. Esta pesquisa parte de nossas próprias impressões como professora de Artes e das observações das experiências práticas em escolas diversas do ensino básico de nível fundamental e médio.

A experiência no ensino de Artes nos levou a acreditar que o senso comum considera o conhecimento artístico na escola em escala hierárquica abaixo de outras áreas do conhecimento, o que dificulta a atuação dos professores dessa área. Essa ideia nos motiva a refletir sobre a questão e justifica a razão da escolha do objeto ora estudado.

Quanto ao levantamento de dados, a pesquisa é bibliográfica, pois se baseia na investigação da literatura pertinente à área. A bibliografia consultada buscou informações sobre vivências dos professores de artes relacionadas à valorização da disciplina, para servirem de exemplo e serem discutidas. Além disto, buscamos pesquisas em Arte-Educação, nas quais se procurou identificar as tendências de pensamentos de autores pesquisadores que se referem a questões referentes à construção dos valores do ensino de arte nos ambientes escolares.

A construção dos resultados e discussão consistiu na junção e entendimento relativo ao tratamento das informações encontradas nos textos consultados, confrontados em seguida com as vivências das experiências práticas na docência de artes. Na discussão apresentada a seguir se buscou identificar como se percebe a questão da valorização atribuídos à Arte-Educação.

Resultados e discussão

Educação, Trabalho e Arte

Pode-se dizer que a arte existe desde o surgimento do homem. Retomando Ficher (1983), nesse sentido, a arte é uma forma de trabalho, e o trabalho é uma atividade característica do homem que se apodera da natureza transformando-a.

Para Saviani (2007), desde o surgimento do homem, algo que o destaca da natureza é a necessidade de produzir sua própria vida. O ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das necessidades humanas é o que conhecemos com o nome de trabalho. Podemos, pois, dizer que a essência do homem é o trabalho, posto que não é possível viver sem esse elemento produtivo.

Unindo os pensamentos de Ficher e Savianni, percebemos que o aspecto criativo faz parte do trabalho. Assim sendo, arte e trabalho se complementam enquanto transformadores da natureza em seu benefício e ambos são condições necessárias para a produção da existência humana.

O processo de formação educacional também ocorre a partir do surgimento do homem. De acordo com Saviani (2007), a produção do homem é ao mesmo tempo a formação do homem, ou seja, um processo educativo. Desta forma, a origem da educação também coincide com a origem do homem, compondo algo essencial e inerente à existência humana.

Concebemos que, assim como educação e trabalho são historicamente marcados pelos interesses políticos da sociedade de classes, a arte e a Arte-educação também são alvos desta relação de conflitos, e, ao longo da história, muitas mudanças aconteceram desde a formação dos profissionais da área de artes, bem como na prática de ensino. Em outras palavras, ao longo do tempo, a forma como ensino de Artes ocorre é determinada pela sua utilidade aos interesses de quem está no poder.

Sobre a aplicação do ensino de artes ao interesse do mundo do trabalho, Nascimento (2012) assevera:

Na escola tradicional valorizam-se principalmente as habilidades manuais, os “dons”. O ensino de Arte era voltado essencialmente para o domínio técnico que visava uma formação prática destinada à qualificação para o mercado de trabalho, isso para aquelas pessoas das classes desfavorecidas, pois as pessoas com maior poder aquisitivo eram educadas para desenvolver o gosto apreciativo pelas obras de arte, além de manter a divisão das classes sociais. A Arte tinha aspecto utilitário e visava a “preparação do estudante para a vida profissional e para as atividades que desenvolviam tanto em fábricas quanto em serviços artesanais” (Ferraz & Fusari, 1993, p. 30), e o principal conteúdo estudado era o desenho, devido ao caráter técnico deste para o mercado de trabalho. (NASCIMENTO 2012, p.5).

Ampliando esse entendimento, Fischer (1983) concebe a arte como uma realidade social. O autor considera que a arte capacita o homem para compreender a realidade, ajudando-o a suportá-la e a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade.

Em um percurso histórico, os gregos já sabiam do papel que os conhecimentos artísticos tinham enquanto contribuição para a formação intelectual. Na antiguidade grega, escola surge como o lugar do ócio, onde eram preparados os homens livres. Visando ao preparo intelectual, os conhecimentos artísticos estavam entre os ensinamentos de preparação dos futuros dirigentes que era “centrada nas atividades intelectuais, na arte da palavra e nos exercícios físicos de caráter lúdico militar” Saviani (2007, p. 155).

Observa-se que o conhecimento artístico transita entre os dois extremos: o de ser considerado algo direcionado para a elite (em que é negado o acesso ao público geral) e no outro extremo, o de possuir pouca importância hierarquicamente diante das outras áreas do conhecimento. Em se tratando da relação trabalho, educação e arte,

a escola atualmente é feita para a educação profissionalizante, uma educação para se prestar vestibular, para se entrar no mercado de trabalho, quer dizer, a arte, vale dizer a poesia em sentido amplo, é algo inútil do ponto de vista do mercado de trabalho. Para esse tipo de escola a Arte é vista como algo não sério, algo que não tem utilidade. Para uma escola que pretenda a formação do ser humano, sim, a arte é importante e a escola é importante para a arte, elas se complementam, mas para uma escola baseada numa visão profissionalizante, numa visão funcionalista, não, a aula de arte atrapalha, esse tempo poderia muito bem ser ocupado pelo ensino da matemática ou do português, que são mais úteis. Esse é o tipo de escola que a gente construiu e na qual a esmagadora maioria acredita. (LINS, 2011, p.26)

Ainda sobre a relação de arte-educação e trabalho, Barbosa defende:

A idéia é que arte-educação esclarecida pode preparar os seres humanos, que são capazes de desenvolver sensibilidade e criatividade através da compreensão da arte durante suas vidas inteiras. (...) todas as atividades profissionais envolvidas com a imagem (TV, publicidade, propaganda, confecção, etc.) e com o meio ambiente produzido pelo homem (arquitetura, moda, mobiliário, etc.) são melhores desenvolvidas por pessoas que têm algum conhecimento de arte. (BARBOSA 1989, p. 176)

O valor do Ensino de Arte

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) definem que a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas, haja vista possibilitar o aluno ampliar a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação.

Nessa perspectiva, Barbosa, tratando do objetivo de se Ensinar Arte na escola, afirma:

Sabemos que a arte na escola não tem como objetivo formar artistas, como a matemática não tem como objetivo formar matemático, embora artistas, matemáticos e escritores devam ser igualmente bem-vindos numa sociedade desenvolvida. O que a arte na escola principalmente pretende é formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte. (BARBOSA,1991, p.32).

De forma prática, percebe-se que na escola de hoje o ensino de arte é visto pelo senso comum de forma simplista, como atividades de fruição, de relaxamento dos alunos, ou de organização dos eventos, entre outros. Tal posicionamento gera naturalmente incômodo entre os professores de arte.

Ainda sobre a extrema importância da disciplina Arte, Barbosa (2003) externa não ser esta uma visão unilateral. Em geral, os argumentos usados para defender o ensino de arte na escola se referem à Aprendizagem da Arte para desenvolvimento moral da sensibilidade e criatividade; o Ensino da Arte como forma de recreação; a Arte-Educação como artifício para

ornamentação da escola; a Arte como apoio da aprendizagem e memorização dos conteúdos de outras disciplinas; da Arte como benefício para acalmar e relaxar, quase todos alheios ao processo que compreendem a atividade artística, seus produtos, ações e reflexões.

Como exemplo da forma como a disciplina vem sendo tratada nas escolas pontuam-se alguns episódios práticos vivenciados em nosso ambiente escolar que evidenciam a desvalorização da disciplina no âmbito escolar, tais como:

Numa atividade sobre Bullying planejada pelo setor pedagógico da instituição, para não interferir nas aulas de outras disciplinas, algumas aulas de artes foram solicitadas. Ora, por que utilizar a disciplina de Artes para tal tarefa? Por que seria o conteúdo de Artes menos importante para a formação do discente?

É comum aos docentes de Artes se depararem com um grande número de alunos desenvolvendo atividades de outras disciplinas. Ao solicitarem atenção exclusiva aos conhecimentos relativos a Artes, os alunos argumentam atividades mais importantes de outros componentes curriculares. A partir desse comportamento, verifica-se que, apesar de conhecer a rotina intensa dos alunos, a disponibilidade para Artes não é prioridade.

Em determinado período, a escola iria realizar um evento relacionado a datas comemorativas, a Direção solicita diretamente que organização e a decoração do evento sejam feitos pelos professores de Artes. Nesse aspecto, é interessante que o professor de Artes participe dos eventos e contribua com a organização, porém, a construção do evento deveria partir do coletivo, pois esta não é uma atividade específica da arte-educação.

Silva (2015), em seus estudos, traz um clássico exemplo de situação que desvaloriza o ensino de arte:

Foi possível perceber as aulas de Arte cedendo espaço para aprendizado de outra disciplina, a professora de Língua Portuguesa pediu as aulas de Arte emprestadas para que a turma assistisse a um filme que faria parte de um trabalho avaliativo. O professor de Arte ao ceder suas aulas desvaloriza a disciplina de Arte, que também precisa de seu tempo para seu processo educativo, considerando que todas as disciplinas são importantes onde cada uma deve tomar e respeitar seu tempo de aprendizagem. (SILVA, 2015, p.37).

Nascimento (2012) acrescenta que a escola reproduz o sistema que vigora em sua sociedade. Em um ensino pautado no modelo de uma sociedade capitalista, o objetivo principal é o consumo em série e o lucro por parte de um grupo bem reduzido da sociedade. Nesse contexto, a formação só tem ênfase no âmbito profissional, deixando de lado a formação pessoal, artística e, enquanto cidadão, a sua integridade, gerando, de certa forma, uma “crise de identidade cultural”.

Para Fischer (1983, p. 58), “numa sociedade em decadência, a arte, para ser verdadeira, precisa refletir também a decadência”. E acrescenta:

Para Freitas (2005) “assim como as outras disciplinas, a arte tem conteúdo próprio. mas, muitas vezes não é isso o que percebemos nas falas dos professores de arte (...) os professores de arte não têm claro os conteúdos da disciplina que ministram e acabam aceitando, como seus, os conteúdos dos temas transversais, como cidadania, sexualidade, ecologia, os conteúdos das demais disciplinas, bem como aqueles referentes as datas comemorativas.”

Barbosa (1989) alerta para os problemas relacionados à formação ou a falta dela para preparo dos professores de artes. Segundo a autora, há professores dando aulas de Arte que nunca leram nenhum livro sobre arte-educação e nunca ouviram falar sobre auto-expressão ou educação estética, estes pensam que arte na escola é dar folhas para colorir com corações para o Dia das Mães, soldados no Dia da Independência, e assim por diante.

A prática de ensino em artes ter que ser repensada para além das datas comemorativas, desenhos, ilustrações, origamis, tangran, entres outros. A esse respeito, Ribeiro (2013) afirma que é comum coordenadores, professores, e conseqüentemente o aluno, verem as artes como uma disciplina informal.

Esta é uma questão bastante pertinente a ser discutida, pois o enfraquecimento da concepção da importância da disciplina Artes faz como que o seu ensino aconteça apenas para cumprir o programa curricular, podendo acontecer de qualquer forma, sem levar em conta as especificidades e conteúdos da matéria Artes. Pela gestão, não são raros os casos de escolas que costumam tapar as “brechas” de Artes, com professores que não possuem formação em artes, mas tem sua carga horária incompleta.

Não é raro deparar com professores de outras áreas, como Português, Filosofia, Pedagogia, ministrarem aulas de Artes. Convém destacar que todas as áreas de conhecimento possuem sua própria complexidade, desse modo, para trabalhar com a disciplina de Arte é necessário ter objetivos claros, conhecimento e planejamento, conteúdo e métodos que favoreçam os referenciais do aluno. Caso contrário, corre-se o risco de impingir um tratamento superficial.

Nunes (2010), em uma pesquisa que trata do ensino de arte na Educação Básica, pontua algumas interpretações de gestores da Educação Básica sobre o Ensino de Arte, orientados pela Política Educacional Pública, conforme demonstram as falas de entrevistas com gestores de escolas e com professores que atuam com o ensino de arte na escola:

“Quando a professora de Artes Visuais entrou em licença, uma outra que não era formada assumiu e deu direitinho, se fosse dar aula para a disciplina de matemática seria difícil dar para outro professor que não é formado, porque é difícil.”(fala de Gestor de Escola Pública)

“Não sou formado em artes, em nenhuma, sou professora de Educação Física e dou arte, não dou nada prático por que não sei, mas dou História da Arte. Não sou de arte. Sei que não tenho formação, por isso só dou teoria, a prática eu não dou.” (Fala de professora considerada de arte na Escola).

“Sou professor de matemática e dou arte na escola. Faço o que dá.” (Fala do professor considerado de arte).

“Eu? Professora de Geografia, gosto muito de arte, por isso aceitei, mas não sei nada de profundo, dou História da Arte, pelo livro didático de arte do Estado.” (depoimento de professor considerado de arte na escola) (NUNES, 2010, p.9-10).

A pesquisa de Nunes (2010) nos faz perceber no ensino de artes a atuação de pessoas sem formação específica em artes. Diante dessa visão, questiona-se: Que arte é esta que está sendo dada nas escolas, cujo conteúdo pode ser dado por professores de qualquer área? Arte não é considerada, de fato, uma área do conhecimento?

A percepção das Artes como área do conhecimento pode ser um passo importante para o resgate da valorização ensino de arte. Sobre o assunto, Silva (2015) acrescenta:

Essas práticas observadas suscitam várias reflexões e questionamentos: será o que está sendo ensinado nas aulas de Arte é realmente Arte? Por isso faz necessário o conhecimento do significado da Arte e do valor de sua aplicação na sala de aula para formação humana do aluno. As aulas de Arte devem favorecer o acesso a este campo de conhecimento, com conteúdos significativos para os alunos, buscando um aprendizado que vai além de ornamentar a escola ou mesmo atuarem em atividades descontextualizadas, desconexas. (SILVA, 2015, p.37).

Sabendo que o ensino de Arte tem especificidades, conteúdo, metodologia, objetivos, entre outros, historicamente temos avançado em busca da melhoria do seu ensino nas escolas. Entre os avanços, temos a extinção da formação do professor de artes polivalente, posicionamento bastante importante para a compreensão de que arte é algo que não pode ser tratado superficialmente. Silva (2015, p. 40) destaca a importância de que as aulas de Arte sejam ministradas por professores especializados na área de Arte, “de forma a valorizar e imprimir compromisso com este ensino, contribuindo de maneira eficaz para o desenvolvimento das capacidades criativas do aluno”.

Outro ponto a ser observado sobre o ensino de arte se refere à questão da interdisciplinaridade mal elaborada, de forma a desfavorecer o ensino de arte. É que a arte oferece muitas possibilidades de contribuições em práticas interdisciplinares, mas às vezes há ainda a falta da compreensão de como fazer projetos interdisciplinares que preservem as especificidades de todas as disciplinas envolvidas.

Em nossa experiência docente, vivenciamos algumas vezes o convite para desenvolver peças de teatro com vistas a tratar de algum assunto de uma determinada disciplina. Nessas situações, não há diálogo sobre arte enquanto conteúdo, enquanto autônoma do conhecimento, apenas arte como instrumento para servir os interesses da outra disciplina.

Quanto ao tema, Ribeiro (2013) considera que a disciplina artes sofre preconceito, e uma das razões é o fato de que outros componentes curriculares consideram as artes como um suporte para os demais aprendizados, e não como um saber com conteúdo próprio e objetivo definido. Diferentemente dessa ideia, a escola precisa disseminar que arte tem conteúdo, assim com todas as outras disciplinas, e esse conteúdo deve ser respeitado e estimulado na mesma proporção das demais.

De acordo com Freitas (2005), a arte não é um meio, mas um fim em si, ou seja, trabalhar de forma interdisciplinar não significa partir das outras disciplinas e integrá-las à arte ou colocar a arte a serviço das outras disciplinas.

Partindo do princípio de que o ensino das artes tem sido colocado em segundo plano em importância e muitas vezes como um meio e não como um fim em si, Ribeiro (2013) faz um novo questionamento: até que ponto os professores de outras disciplinas entendem o compromisso do Arte-educador em ministrar os seus conteúdos dentro da sala de aula? Sobre isso, Barbosa (1989, p. 181) defende que “o caminho para sobreviver é tornar claro os possíveis conteúdos da arte na escola”.

A respeito dos conteúdos de Artes, os PCNs assim definem:

Os conteúdos da área de Arte devem estar relacionados de tal maneira que possam sedimentar a aprendizagem artística dos alunos do ensino fundamental. Tal aprendizagem diz respeito à possibilidade de os alunos desenvolverem um processo contínuo e cada vez mais complexo no domínio do conhecimento artístico e estético, seja no exercício do seu próprio processo criador, por meio das formas artísticas, seja no contato com obras de arte e com outras formas presentes nas culturas ou na natureza. O estudo, a análise e a apreciação das formas podem contribuir tanto para o processo pessoal de criação dos alunos como também para o conhecimento progressivo e significativo da função que a arte desempenha nas culturas humanas. O conjunto de conteúdos está articulado dentro do contexto de ensino e aprendizagem em três eixos norteadores: a produção, a fruição e a reflexão. (BRASIL, 1997, p.41)

Verifica-se que há um longo caminho a percorrer em busca da melhoria do ensino de arte. Para tanto, é necessário se pensar sobre o sistema educacional, a formação dos profissionais, o currículo, entre outros que interferem no planejamento e na prática nas escolas. São questões diversas que permeiam a história do ensino de artes no Brasil, incluindo algumas a serem pensadas em outras pesquisas, visando fortalecer o ensino de artes. Sobre o valor que é atribuído à arte, Ribeiro (2013, p. 13) defende que

o valor que é atribuído, hoje, à arte enquanto conhecimento é resultado de décadas de encontros e desencontros, do empreendimento de alguns estudiosos que se comprometeram com a arte e com seu ensino; da mesma forma, os equívocos e preconceitos com relação ao componente curricular têm relação direta com interpretações distorcidas ou simplificadas da obra de pesquisadores da área, com o oportunismo político social, entre outros.

Conclusões

Começamos este estudo com um convite para a reflexão sobre a importância das artes e seu ensino. Não por acaso o conhecimento artístico faz parte do currículo escolar desde a antiguidade, porém a forma como o ensino de Artes é contemplado mudou ao longo dos tempos, de acordo com os interesses e dualidades da educação e trabalho.

Como foi percebido nos resultados e discussões deste estudo, a questão da valorização da arte enquanto componente curricular passa por diversas dificuldades, que se refletem sim na prática de ensino nas escolas.

Por meio das discussões aqui apresentadas, é possível perceber, via episódios descritos, que na prática docente a disciplina é hierarquicamente desconsiderada quanto à sua importância, conforme vivências de professores de artes nas escolas. Entre os desafios dos docentes está o empoderamento com relação à disciplina, que pode ser reforçado com a total consciência de suas atribuições e contribuições da arte como área de conhecimento, e a partir daí desenvolver uma prática reflexiva de ensino.

No ambiente educacional, o professor é uma peça chave. Suas decisões e ações, por exemplo, a partir de sua expressão, metodologia, maneira de priorizar os conteúdos e currículo, forma de avaliar, valores, visão social, atitudes, entre outros, influenciam diretamente nos resultados no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, a escola deve reconhecer o ensino de Arte como um campo de conhecimento tão importante quanto os outros que compõe a matriz curricular. Para os professores de arte, a reflexão sobre a prática de ensino conduz a uma auto-avaliação, sendo possível observar seus próprios métodos com vistas a adotarem novas posturas e práticas quando necessário, de forma a buscar alcançar novos resultados.

A partir da concepção da Arte como conhecimento, reafirmamos a necessidade de compreendermos as artes como área autônoma do conhecimento. Como tal, percebemos a sua participação na formação integral em que se pretende ampliar a capacidade crítica dos indivíduos. Assim sendo, a arte é necessária, haja vista a sua existência, independente do senso comum entender sua relevância e importância para história humana, reforçando a ideia de que “se a própria humanidade não morrer, a arte não morrerá”, conforme defende Fischer (1983, p. 254).

Referências

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempo. São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.

BARBOSA, A. M. (ORG.) Inquietações e mudanças no ensino da Arte. SÃO PAULO: CORTEZ, 2003. 184P.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. Estud. av., São Paulo, v. 3, n. 7, p. 170-182, Dec. 1989. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000300010&lng=en&nrm=iso>. access on 17 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141989000300010>.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Volume 6 - Brasília: MEC/SEF, 1997.

FISCHER, Ernest. A Necessidade da Arte. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FREITAS, Joselaine Borgo Fernandes de. Arte é Conhecimento, é Construção, é Expressão. In: Revista Digital Art&. Ano III, número 03, Abril de 2005. Issn 1806-2962 <<http://www.revista.art.br>>. Disponível em: <<http://www.revista.art.br/site-numero-03/apresentaca.htm>> Acesso em 2 de setembro de 2018.

LINS, Claudia Maisa Antunes. A Arte e a Educação. /Claudia Maisa A. Lins. Juazeiro: Fonte Viva, 2011. 50 p. il

NASCIMENTO, Vanderléia Santos de Jesus. Ensino de Arte: Contribuições para uma Aprendizagem Significativa. II Encontro Funarte políticas para as artes Interações estéticas em rede. (2012). Disponível em: <http://www.funarte.gov.br/encontro/wp-content/uploads/2013/04/artigo-para-submiss%C3%A3o-pela-funarte_Vanderl%C3%A9ia-Santos.pdf>. Acesso em 2 de setembro de 2018.

RIBEIRO, Mariza Sousa. A importância e valorização da arte-educação nas escolas públicas do distrito federal. Universidade de Brasília centro de educação a distância departamento de artes visuais. Brasília – DF, 2013. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7097/1/2013_MarizaSousaRibeiro.pdf> Acesso em 10 de setembro de 2018.

NUNES, Ana Luiza Ruschel. O Ensino de Arte na Educação Básica. (2010) Anais do XVII CONFAEB - Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil e IV Colóquio Sobre o Ensino de Arte. Fpolis – SC. ISBN:9788561136130. Disponível em: <http://aaesc.udesc.br/confaeb/Anais/ana_luiza_rachel.pdf> Acesso em 10 de setembro de 2018.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-165, Apr. 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

24782007000100012&lng=en&nrm=iso>. access
on 17 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782007000100012>.

SILVA, Gislene Santos de Paula e, 1988- A importância do Ensino de Arte no contexto escolar do Ensino Fundamental: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Gislene Santos de Paula e Silva. – 2015. 48f. Disponível em:
<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-A9LEGW/monografia_gislene_2016___c_pia.pdf?sequence=1> Acesso em 10 de setembro de 2018.